

## TERRITORIALIZAÇÃO DAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS EM DOIS BAIRROS DE URBANIZAÇÃO POPULAR EM SALVADOR

Marilu Matos de Santana<sup>1</sup>

**RESUMO:** *Essa pesquisa teve como o objetivo analisar e caracterizar os processos de territorialização de duas manifestações culturais em dois bairros populares de Salvador, as Regatas, na Ribeira, e a Mariscagem, em Plataforma. Além disso, buscou-se analisar a espacialização dessas atividades, mostrando como surgiram e como se mostram hoje, observando também: Quem organiza? Quem participa? Como se distribuem entre os diferentes agentes/grupos os lucros dessas atividades? O que chama a atenção para esse tema é o fato de algumas manifestações culturais estarem sendo incluídas no circuito do turismo e outras não. Foram entrevistados dirigentes e atletas dos clubes de Regatas, aplicadas enquetes com público e comerciantes nas competições e realizadas entrevistas com marisqueiros. A maioria dessas manifestações passa por um processo de decadência, mas ainda é possível observar certa “resistência” de algumas delas nos bairros de urbanização popular. Foi constatado que as duas manifestações estão em franca decadência: As Regatas, sem o patrocínio de empresas e sem ajuda do Governo, correm o risco de não sobreviver por muito tempo na Ribeira, e a Mariscagem pode chegar ao fim em Plataforma, devido às altas quantidades de marisco retiradas pela população local, que encontra na maré seu sustento, bem como à poluição industrial da Baía de Todos os Santos por metais pesados que colocam em risco a continuidade da manifestação em Plataforma.*

**Palavras-chave:** Bairro popular; Territorialização; Manifestação cultural.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho é um estudo de caso da territorialização de duas manifestações culturais em dois bairros populares de Salvador. Na Ribeira, trabalhou-se com as Regatas e em Plataforma, com a Mariscagem. O objetivo dessa pesquisa é analisar as manifestações culturais desses dois bairros populares de Salvador, entendendo-se essas manifestações como processos de territorialização de diferentes agentes/grupos, na escala do bairro e da cidade, analisando-se também os processos de apropriação social do espaço.

O que chama a atenção para esse tema é o fato de algumas manifestações culturais estarem sendo incluídas no circuito do turismo e outras não. A maioria dessas manifestações de bairro encontra-se em decadência, mas ainda é possível observar certa “resistência” de algumas delas nos bairros de urbanização popular. Interessante perceber que é nos bairros “periféricos”<sup>2</sup> onde se observa ainda uma identidade de bairro, com uma intensidade nas relações sociais diferente dos bairros “centrais”. Sobre esses aspectos, ressalta-se: qual a importância das manifestações culturais na identidade dos bairros da Ribeira e Plataforma? Como está organizado o circuito de produção e consumo dessas manifestações culturais?

<sup>1</sup> Estudante do curso de graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia, bolsista de Iniciação Científica do CNPq. E-mail: [marilusanatana@hotmail.com](mailto:marilusanatana@hotmail.com). Orientador: Angelo Szaniecki Perret Serpa, Professor Adjunto Doutor do Departamento de Geografia da Universidade Federal da Bahia, pesquisador do CNPq. E-mail: [angserpa@ufba.br](mailto:angserpa@ufba.br).

<sup>2</sup> Entende-se nesse contexto periferia numa conotação sociológica: lugar da residência de parcelas da população caracterizadas como de ‘baixa renda’. Diferencia-se do resto da cidade pela precariedade da configuração espacial. Através da consolidação de loteamentos clandestinos, imprime-se, no espaço urbano, um processo social maior, de exclusão. A moradia, por sua tradução na paisagem urbana, é o elemento denunciador das diversas formas de segregação sócio-espacial (SERPA, 1998).

Compreendendo que o espaço não é um palco neutro (SOJA e LEFÈBVRE, apud SOUZA, 1989, p. 140), percebe-se a importância do mesmo para os diversos tipos de ativismo social, uma vez que é territorialmente que se define a base social de um ativismo. Dessa forma, torna-se importante a compreensão do espaço como um *locus* onde as relações entre os diferentes agentes/grupos produzem uma determinada dinâmica, que, por sua vez, são, também, responsáveis pela configuração atual dos bairros.

Diante do tratamento dado às manifestações culturais na cidade de Salvador, considera-se importante entender por que e como, em alguns bairros, algumas manifestações são incorporadas pelo turismo e outras não, principalmente, perceber o que fundamenta a permanência de certas práticas culturais, que guardam características originais “enraizadas” nos lugares, que estão fora do processo de “mercantilização” da cidade e da “retradicionalização” que se orienta para o consumo turístico (ALBERGARIA, 2003).

O referencial teórico-conceitual do trabalho baseia-se nos seguintes conceitos/temáticas:

Manifestações culturais – Neste estudo foi considerado um conceito amplo de cultura, a partir da visão dos moradores dos bairros pesquisados. A operacionalização do conceito de cultura deu-se também a partir da visão de alguns autores, com destaque para Denis Cosgrove. O autor observa que “*a cultura parecia funcionar através das pessoas para alcançar fins dos quais elas estavam vagamente cientes*” (COSGROVE, 1989, p. 101). Segundo ele, há culturas dominantes e subdominantes, e “*para compreender as expressões impressas por uma cultura em sua paisagem, necessitamos de um conhecimento da ‘linguagem’ empregada: os símbolos e seu significado nessa cultura*” (COSGROVE, 1989, p. 105-106). Essas categorias/variáveis foram utilizadas nesta pesquisa para aprofundar a análise de duas manifestações culturais presentes nos bairros.

Territorialização - Esse conceito foi operacionalizado a partir das observações de Haesbaert (1996). O autor afirma que “*na sociedade contemporânea em que vivemos essa territorialidade seria menos ‘especializada’ que ‘temporalizada’, porque ela é comandada pela modernidade na qual, no dizer de Baudrillard, ‘a moda é o emblema’*” (HAESBAERT, 1996, p. 32).

Identidade – Conceito tratado por Haesbaert (1996), em articulação com o conceito de território: “*O território deve ser visto na perspectiva não apenas de um domínio ou controle politicamente estruturado, mas também de uma apropriação que incorpora uma dimensão simbólica, identitária e, por que não dizer, dependendo do grupo ou classe social a que estivermos nos referindo, afetiva*” (HAESBAERT, 1996, p. 41).

Bairro – Sobre esse conceito, considerou-se importante a leitura de Seabra (2001). Odete Seabra mostra como a globalização e a metropolização “inviabilizam” atualmente a existência do bairro, entendendo este como um espaço de relações sociais. Dentre outras significações atribuídas às cidades e metrópoles, Seabra busca analisar a mudança da “qualidade do fenômeno urbano”. Nesse contexto, considerou-se importante também as observações de Souza (1989). Marcelo Souza constrói derivações fundamentais do conceito de bairro: bairro clássico, bairrofilia, “morte” do bairro e dos ativismos de bairro (movimentos sociais urbanos). O bairro tem realçada sua dimensão política, ele é o palco cotidiano, o referencial simbólico básico para as lutas. Um olhar fenomenológico sobre a constituição dos bairros evidencia que o bairro corresponde a certa parcela da cidade que, por força de relações sociais, constitui para um indivíduo um espaço vivido e sentido. “*Para existir um bairro, ainda que na sua mínima condição de referencial geográfico, é necessário haver um considerável espaço de manobra para a intersubjetividade, para uma ampla interseção de subjetividades individuais*” (SOUZA, 1989, p. 150).

Redes – Esse conceito é abordado por Vilassante (1996), que trata da dinâmica dos “conjuntos de ação” conectando as redes globais, locais e submersas. O autor mostra que a maior

parte da população encontra-se nas redes submersas, nas redes do cotidiano e não das dos grupos organizados e nas redes de poder. Vilassante fala ainda sobre a importância dos “*comunicadores*”. Estes comunicadores são peças-chave na organização social, nos “processos motivacionais”, tanto para poder vender um produto como para desenvolver um processo de participação cidadã (VILASSANTE, 1996, p. 131).

Os procedimentos metodológicos utilizados foram: o histórico, através de levantamento documental em arquivos de jornais e de órgãos públicos e bibliotecas; o estatístico, através da elaboração de tabelas e gráficos; e o método cartográfico, com a espacialização das manifestações no passado e no presente, utilizando-se ainda de registros fotográficos das manifestações culturais e dos espaços urbanos trabalhados. Foram dois os bairros estudados e em cada um deles foram feitas entrevistas gravadas e enquetes. No bairro da Ribeira, foram entrevistadas 14 pessoas dos respectivos clubes de regatas, entre dirigentes e atletas, e realizadas 75 enquetes, divididas entre público e comerciantes em dois campeonatos, um baiano e outro regional. Em Plataforma, foram entrevistados 30 marisqueiros: 10 homens e 20 mulheres.

## AS REGATAS

O bairro da Ribeira se localiza na Península Itapagipana, esta, por sua vez, encontra-se entre a Baía de Todos os Santos (a oeste) e a Enseada dos Tainheiros (a leste). Ainda hoje, falar de remo na Bahia é falar da Península de Itapagipe e da Enseada dos Tainheiros na Ribeira, onde ocorrem os domingos de regata. As competições aconteciam não só na Ribeira, como também no Dique do Tororó, mas, nesse segundo, nem de longe as regatas tinham a mesma importância, o mesmo público e a mesma divulgação. Tudo começou em 1902, quando o Vitória resolveu disputar o remo e, ao mesmo tempo, a alta sociedade soteropolitana começou a ter interesse por esse esporte, que surgiu em Salvador como uma manifestação das elites. Em 2 de abril de 1905, foi realizada a primeira regata na Enseada dos Tainheiros e a segunda em 2 de outubro do mesmo ano. Foi nesta segunda, que Henri Vinolis, um inglês, instituiu a taça Olga, que ainda hoje é disputada em Salvador.

Então iam aquelas mulheres de chapéus, de sombrinhas, de vestidos até o chão, sapatos de seda, os homens com chapéu de palha, vestidos de panamá, para assistir as regatas (...). Os remadores quando caíam na água, eu tenho até uma fivela aí do meu pai de prata Clube de Regatas Itapagipe, então ele tirava, o cinto era uma espécie assim de corpo de bombeiro, aqueles vermelhos que eles usam e a fivela grande, então quando eles entravam no barco, cada remador tinha uma madrinha, então ele entregava esse medalhão, o cinto às madrinhas e aí competiam<sup>3</sup>.

As regatas possuíam uma outra dinâmica, e o público pertencia às classes de renda mais alta na sociedade soteropolitana. Observando os comentários dos ex-atletas, podemos perceber que o público era consideravelmente maior e as competições eram mais organizadas.

O remo era um esporte que levava uma base de três/quatro mil pessoas para os Tainheiros e bem trajada, não é hoje que você vai, é carrinho de cana, é isso e aquilo atravessando as passagens do remo, você não pode ver direito por que as embarcações elas tinham que ser ancoradas e atracadas, não são, amarram nas

---

<sup>3</sup> Antônio Carlos Pinheiro Freire de Carvalho, ex-morador do bairro da Ribeira e colaborador do Clube de Regatas Itapagipe.

árvores, você vem de lá pode tropeçar e cair, você não tem a visão perfeita da prova, por que as autoridades só aparecem em época de eleição, elas não ajudam em coisa nenhuma, hoje nós temos que levantar a mão prá cima, por que remo era contra bebida e contra jogo, hoje nós vivemos às custas dos bingos<sup>4</sup>.

A falta de patrocínio se mostra, hoje, como um dos grandes entraves à continuidade do remo. Sem patrocínio, os clubes menores, que não possuem uma estrutura como a do Esporte Clube Vitória, não conseguem encontrar outra forma de “sobreviver”, já que o remo é um esporte aquático e realizado no mar, não tendo como cobrar do público para a eles assistir, o que seria uma forma de arrecadar algum dinheiro para os clubes. Então, a ajuda dos bingos parece se constituir na única alternativa de financiamento para os clubes de regatas hoje em dia.

Atualmente participam quatro clubes: o Clube de Regatas Itapagipe, o Esporte Clube Vitória, o Clube de Natação e Regatas São Salvador e o Esporte Clube Santa Cruz. Os atletas que fazem parte dos clubes são em parte de Itapagipe e muitos vieram dos Alagados, por encontrar no remo uma forma de obter seu sustento diário. A Federação de Remo da Bahia está à frente da organização dos campeonatos. Segundo os dirigentes, existe uma rotatividade muito grande com relação aos atletas; os clubes têm entre 15 e 40 atletas cada um.

As pessoas humildes, pobres dos Alagados, passando fome e necessidade, se registram nos clubes para poder comer, a verdade é essa, você só vê hoje remadores de um metro e cinquenta, um metro e quarenta... Acabaram aqueles gigantes ali e a pessoa da alta sociedade é que remava, porque antigamente as regatas eram prestigiadas pelas administrações, governadores, faziam parte da federação gente ilustre, como Simões Filho<sup>5</sup>.

As Regatas são dirigidas pela Federação de Remo da Bahia, e esta legaliza todos os campeonatos com a confederação brasileira. São seis campeonatos que ocorrem por ano, cada clube patrocina um, com troféus e medalhas, e as duas últimas regatas são patrocinadas pela Federação. Atualmente, os únicos patrocinadores são o Bingo do Comércio e o Bingo Rio Vermelho, através da Diver Bingos, a associação de bingos de Salvador. Esse é o grande impasse dos clubes e sua maior dificuldade, pois sem patrocínio a sobrevivência das regatas torna-se inviável. O único clube com situação mais confortável é o Esporte Clube Vitória, graças ao futebol.

Partindo do princípio da organização, todo esporte tem que ter uma associação ou uma federação, no nosso caso existe a Federação dos Clubes de Regatas da Bahia, que é o organizador oficial das regatas, elas são distribuídas hoje em seis regatas durante o ano. E ela, através da federação, que é a patrocinadora dessas regatas, ela faz um convênio com a Diver Bingos, a Associação de Bingos da qual eles mensalmente nos enviam cotas de participação pra que nós possamos dar continuidade e é o que vem sustentando as regatas há quatro anos<sup>6</sup>.

Bem diferente do passado, o público atualmente é quase que na sua totalidade de moradores do bairro, com exceção dos antigos remadores e de alguns saudosistas. Pode-se dizer que oitenta por cento são moradores de Itapagipe. Dentro desse universo de moradores, sua grande maioria corresponde aos familiares dos atletas. Muitos questionam a falta de divulgação.

<sup>4</sup> Antônio Carlos Pinheiro Freire de Carvalho, *op. cit.*

<sup>5</sup> Antônio Carlos Pinheiro Freire de Carvalho, *op. cit.*

<sup>6</sup> Floriano de Souza Cruz, presidente do Clube de Regatas Itapagipe.

Eu te diria que oitenta por cento são de moradores do bairro, por que o remo hoje aqui continua sendo a maior paixão da península Itapagipana. Vêm os mais velhos que são os chamados saudosistas, que já participaram, já remaram. Criase esse vínculo com os mais novos, até os jovens e crianças. Basicamente oitenta por cento do público que frequenta aqui é da península Itapagipana<sup>7</sup>.

Durante as competições que ocorrem a partir das dez horas da manhã, o número de comerciantes é bem restrito; eles se resumem a ambulantes, vendedores de bebidas (água, cerveja, refrigerante e água de coco) e comida (churrasquinhos e amendoim). O número é bem pequeno, em função da fiscalização da Prefeitura e pelo próprio número reduzido do público.

Atraem comerciantes, eles ficam ali perto do palanque da chegada, por ali por toda balaustrada, onde o público acompanha. Os ambulantes, os autônomos, vendedores de cerveja, de churrasquinhos, de refrigerante, ficam todos ali<sup>8</sup>.

Segundo as pessoas mais envolvidas (organizadores e atletas), o remo é um excelente esporte para divulgação de uma marca, devido ao contexto, ao local onde são realizadas as regatas, pela beleza natural do esporte, mas a realidade constatada em campo é outra. Como já observado, a maior dificuldade desse esporte é exatamente a falta de patrocínio, não existe interesse algum por partes das empresas em patrocinar esse esporte tradicional da Ribeira. Com relação à rentabilidade dos clubes, como já pôde ser percebido e conforme se constatou em campo, esses clubes sobrevivem com muitas dificuldades, não existindo lucros, nem para os clubes e a Federação, nem para os atletas. Mesmo com patrocínio, os entrevistados não acreditam que haveria lucro, pelo menos a curto prazo, pois existe muito ainda a ser feito para a revitalização do remo, como, por exemplo, viabilizar financiamento para os atletas, o que só é feito pelo Esporte Clube Vitória e apenas para os melhores competidores.

Com relação aos comerciantes, também não há lucro considerável. Entre os 14 comerciantes entrevistados em duas regatas, uma local e outra regional, as dificuldades também são queixas comuns. Quando conseguem vender, o que, segundo eles, não é sempre garantido, obtêm no máximo trinta reais, o que não é lucro, já que tiveram custos com a mercadoria e com o transporte. Reclamam que muitas vezes não conseguem vender nada.

Este esporte é considerado um esporte nobre. O público hoje é outro. Isso não traz nenhum lucro não, pelo contrário, é um esporte muito caro, continua sendo muito caro, e somente com ajuda de alguns abnegados apaixonados pelo esporte, que é característica do bairro da Ribeira, só através disso é que nós temos conseguido dar continuidade nesse processo<sup>9</sup>.

O bairro da Ribeira possui um importante trunfo para o desenvolvimento do turismo: belíssimas paisagens naturais, com características singulares. O projeto Bahia Azul, do Governo do Estado, tem como objetivo tratar as águas das praias de Salvador, tornando-as balneáveis. Esse programa, juntamente com o Projeto de Via Náutica (com nove pontos de atracação), possibilitará o turismo náutico nas áreas periféricas da cidade, mas, muito provavelmente, irá mascarar a realidade do bairro, escondendo a pobreza e a falta de estrutura. Quanto ao desenvolvimento da atividade turística na Ribeira, o que se pode constatar é que até hoje tudo

<sup>7</sup> Floriano de Souza Cruz, *op. cit.*

<sup>8</sup> Antônio Carlos Carvalho Junior, atleta do Clube de Natação e Regatas Itapagipe.

<sup>9</sup> Floriano de Souza Cruz, presidente do Clube de Regatas Itapagipe.

não passou de discursos e promessas, não existindo nenhum projeto em execução. No que diz respeito às regatas, o mesmo ocorre. Não há de fato nada de concreto sendo feito para que as regatas façam parte do circuito turístico da cidade.

Sinceramente não, aliás, com certeza não, por que tanto o pessoal do nosso clube, como o pessoal dos outros clubes já se reuniu para falar com os órgãos responsáveis para ver se melhora, até mesmo porque em dia de regata, tem muitas embarcações aqui na Ribeira, então é necessário que a Capitania dos Portos retire aqueles barcos que ficam no trajeto, no circuito, às vezes até nem isso eles cooperam, às vezes não vem a Capitania, atrapalha, como eu mesmo já perdi um páreo, justamente por causa disso, por que tinha um barco no meio do caminho, na minha raia, ai acho que não tem interesse nenhum, só em época de eleição que todo mundo se interessa<sup>10</sup>.

Com relação ao valor turístico das regatas, é interessante perceber que mesmo as pessoas mais envolvidas, estão bem divididas quando se questiona esse aspecto. Falam muito dos atrativos da Península Itapagipana de uma forma geral e da Enseada dos Tainheiros: *“Eu acho que como qualquer outro esporte tem poder na área de turismo, depende de como se faça aí o evento, tendo apoio da prefeitura e principalmente do governo”* (Silvio Santos Silva, técnico de remo do Esporte Clube Santa Cruz).

## A MARISCAGEM

O bairro de Plataforma está localizado no Subúrbio Ferroviário de Salvador, seu núcleo inicial foi formado com a implantação da Fábrica de Tecidos São Brás, instalada em 1875. Muitos fatores favoreciam a implantação: estar próximo ao mar; a estação férrea; mão-de-obra, esses e outros elementos contribuíram para o bom desempenho da fábrica, pois o intercâmbio de matérias primas era intenso com a Fábrica São João, localizada na Enseada dos Tainheiros. Durante décadas as pessoas podiam chegar até o bairro da Ribeira de barco, canoa e, mais tarde, de lancha, percurso que era feito em poucos minutos e facilitava a vida dos moradores de Plataforma, afinal muitas crianças e jovens estudavam na Ribeira e muitos adultos trabalhavam ali. Com a desativação da travessia de barco, a distância tornou-se muito maior e mais dispendiosa.

Hoje o bairro de Plataforma é caracterizado como um bairro residencial com condições muito precárias, além de sofrer com o problema da concentração de terras, o que coloca seus habitantes numa eterna luta contra a família Martins Catharino, que se considera proprietária dos terrenos, a quem muitos moradores pagam aluguel dos lotes até hoje. Com todos esses problemas e falta de opção, muitos moradores do próprio bairro, mas também dos arredores, encontraram na mariscagem uma forma de suprir suas necessidades, já que grande parte deles está desempregada:

*“A mariscarem é a minha única forma de sobrevivência, não tenho outra forma de ganhar dinheiro”* (Ronilse de Jesus, 54 anos).

*“O marisco é a forma que encontrei para me alimentar, só morre de fome aqui quem é preguiçoso”* (Neide de Santos Silva, 33 anos).

---

<sup>10</sup> Adriana de Oliveira Bastos, atleta do Clube de Natação e Regatas São Salvador.

A mariscagem existe no bairro há décadas, é uma manifestação cultural para a maioria das famílias que moram em Plataforma. Muitos deles aprenderam com seus pais a mariscar e encontram, nessa tradição, não só uma forma de garantir o alimento diário, mas também uma distração, como é relatado pela grande maioria dos entrevistados.

Essa região de Plataforma e Novos Alagados apresenta indícios de ter sido uma grande floresta de manguezais. O crescimento desordenado da população nessa área, através da construção de favelas ribeirinhas sobre os locais que eram propícios para o desenvolvimento de manguezais, juntamente com o desenvolvimento industrial descontrolado, vem contribuindo para o desaparecimento das espécies de manguezais que ainda restam no local. Hoje quase todo o mangue do local está destruído, foi depredado ao longo das últimas décadas pelas fábricas instaladas na região e também pelos próprios moradores que não pensam nas consequências da pesca e mariscagem predatórias.

Muitos moradores que não têm a tradição da pesca e da mariscagem usam as piores formas de adquirir o alimento, através do uso de “bombas”; dessa forma conseguem peixe com maior facilidade, mas, por outro lado, matam os filhotes e tornam a pesca a cada dia mais escassa. Com relação aos marisqueiros sem instrução, esses poluem os mangues com lixo que jogam no local, tornando também a prática da mariscagem menos compensadora e acelerando o fim dessa tradição. Pesquisas<sup>11</sup> do Instituto de Geociências da UFBA apontam o alto teor de metais pesados - como Cromo, Zinco, Cobre, Chumbo e Cádmio - no Estuário do Rio do Cobre/Enseada do Cabrito, uma região fortemente impactada pelos metais. O mais grave é que os marisqueiros são indiferentes a isso, não se preocupando com a possibilidade dos alimentos mariscados estarem contaminados.

A mariscagem, além de uma tradição para os moradores do bairro de Plataforma e arredores, é uma saída para aqueles que estão desempregados. Entre os entrevistados, mais da metade deles são moradores de Plataforma, em segundo lugar, dos bairros vizinhos e, por último, e em quantidade bem menor, de outros bairros da cidade. Esses moradores de outros bairros vêm a Plataforma para mariscar por necessidade e por não encontrarem outras alternativas para garantir sua sobrevivência. Quanto à faixa etária, quase noventa por cento dos marisqueiros entrevistados têm entre 19 e 56 anos, mas é considerável o número de crianças que acompanham os pais nessa tradição. São crianças a partir de dois anos de idade, que, mesmo numa proporção menor, terminam ajudando os pais a levar o alimento para casa.

*“Tenho 60 anos e moro em Sé de Abreu. Venho para Plataforma porque aqui posso mariscar o camarão (parente do camarão) e não comprar. Esse marisco uso para pescar, como isca” (Edson, 60 anos).*

Por mais que a quantidade de “novatos” esteja aumentando (alguns entrevistados estavam ali pela primeira vez), ainda predominam os marisqueiros mais antigos, que estão naquela função há pelo menos dez anos. Muitos marisqueiros consideram uma tradição familiar, participam dela desde pequenos; aprenderam a mariscar com os pais e avós. Atualmente estão ali, segundo a maioria, pela distração e pela necessidade. Todos se queixam de que os mariscos estão acabando.

---

<sup>11</sup> Essas informações foram extraídas da pesquisa Avaliação Preliminar de Impactos Geoambientais nos Sedimentos de Manguezais do Estuário do Rio do Cobre (Enseada do Cabrito/Parque São Bartolomeu) – Salvador-Bahia, organizada pelo professor Antônio Fernando de Queiroz e alunos do mestrado e graduação do curso de Geoquímica da Universidade Federal da Bahia e também das matérias feitas pelo Jornal A Tarde (Jornal A Tarde, 25/5/1997, p. 3; Jornal A Tarde, 9/4/2000, p. 15).

*“Isso aqui minha filha, não existe mais, acabou. Ta vendo aquilo ali (aponta para os Novos Alagados), aquilo ali era tudo mangue, acabou”* (Edson, 60 anos).

Muitos mariscam sozinhos, mas a grande maioria segue para “a maré” com toda ou parte da família. É impressionante observar a mariscagem, uma multidão dividida em pequenos grupos de familiares ou amigos, além dos marisqueiros solitários.

*“Eu venho com meus filhos, que são dois pequenos porque não tenho com quem deixar e minha irmã”* (Ronilse de Jesus, 54 anos).

A maioria marisca de 15 em 15 dias, nas luas novas e cheias, quando a maré “fica melhor” e “vaza mais”. Faça chuva ou sol, nesse dias de lua nova e cheia, bem cedo, encontram-se pessoas mariscando. Quando chove muito, alguns “tomam até cachaça” para agüentar o frio e a dor dos pingos da chuva nas costas. A grande maioria dos marisqueiros são pessoas que vivem de “bicos”, ou estão desempregados ou são diaristas. Com isso, pode-se dizer que vivem do marisco, uma forma de sobrevivência encontrada por grande parcela da população do bairro e arredores.

*“Eu vivo da mariscagem, desde pequena marisco e meu marido é pescador”* (Antônia Menezes Pereira).

*“Estou desempregado, tenho curso de vigilante e patologia clínica, agora estou vivendo do marisco”* (Jorge, 45 anos).

Entre os entrevistados, a grande maioria marisca para consumo próprio, em alguns casos dá o que sobra a um parente ou troca com vizinhos por outros alimentos. Dentre os tipos mais frequentes de marisco, podemos citar: rala coco, papa-fumo, maria preta, dedo de moça, camaru, chumbinho, concha, sururu e siri. Os marisqueiros utilizam, na sua maioria, uma colher comum ou colher de pedreiro para mariscar, alguns usam a pá de pedreiro ou o pé (se for mariscar dentro do mar), peneira e um balde ou lata. Todos os mariscos são coletados da mesma forma, raspando a areia com esses utensílios, a exceção fica por conta do sururu, que só é coletado no mar, com o pé. A quantidade de marisco coletada por dia é muito variável, mas a grande maioria, atualmente, coleta até 500 gramas, alguns mais rápidos e com mais experiência coletam até 1 quilo por dia.

*“Eu pego o papa-fumo, rala coco e a maria preta usando uma pá grande e uma peneira. Pego 500 gramas por dia para consumir”* (Jorge, 45 anos).

*“Pego maria preta, papa-fumo e rala coco, uso uma pá e na água com o pé. Chego a pegar 1kg e pouco. Pego pra consumir, meu irmão que vende”* (Luis Carlos Dias da Paixão, 38 anos).

*“Chumbinho, rala coco, concha, todos pego com a pá ou com o pé na água. Pego até 1 kg e vendo no bairro por 6 a 7 reais o kg”* (Maria das Dores, 51 anos).

O dia e a hora de mariscar são “controlados” no calendário, no rádio ou no jornal, muitos se informam com os pescadores. Os melhores dias são os de lua cheia e nova e sempre quando a maré está baixa pela manhã.

“Olho a tábua de maré, no jornal e com o pessoal do bairro, tem que ser lua cheia ou nova e a maré estar baixa” (Eva, 27 anos).

Duas palavras são ouvidas com frequência entre os entrevistados: sobrevivência e distração. Muitos afirmam que a mariscagem é sua “salvação”, a única forma de sobrevivência. A mariscagem para muitos é o sustento da família. Ao mesmo tempo, encontram ali uma forma de distração, “de terapia”, como alguns dizem.

“É um emprego, é o que sustenta a família, vendo o marisco e compro alguma coisa” (Adilson, 28 anos).

“É importante para minha sobrevivência, sem o marisco não teria como viver” (José Carlos de Oliveira, 53 anos).

“Além da necessidade, de precisar do marisco, distrai, já que não tenho emprego... gosto muito” (Maria das Graças, 45 anos).

“É uma terapia, para todos aqui é importante para a sobrevivência” (Luis Carlos Dias da Paixão).

## CONCLUSÃO

Observando-se o dia-a-dia das regatas, constata-se que elas são uma manifestação cultural *residual* (COSGROVE, 1998), não possuindo mais a mesma repercussão, nem dentro nem fora da Península de Itapagipe, estando restrita ao bairro da Ribeira e apenas às pessoas mais envolvidas com o esporte. O mesmo pode-se dizer da mariscagem, que já atraiu centenas de pessoas, todos os dias. Hoje, apenas nas vésperas da Semana Santa, o local fica repleto de marisqueiros. O território das regatas “encolheu”: São muito menos comerciantes, menos público e, conseqüentemente, menos área apropriada para o esporte. *Desterritorializando* (HAESBAERT, 1997) as regatas, elas se tornarão manifestações culturais *excluídas* (COSGROVE, 1998). Como as regatas, também o território da mariscagem está “encolhendo”. Isso ocorre devido à destruição progressiva das áreas de mangue, o que poderá ocasionar também sua possível *desterritorialização* (HAESBAERT, 1997).

A identidade das regatas constrói-se a partir da idealização de seu passado, ela está na memória dos moradores mais antigos e na imaginação dos mais novos, quando nos contam o que foram as regatas no passado, segundo as histórias dos seus familiares. Ela está mais restrita aos praticantes e diretores, bem como aos moradores antigos do bairro da Ribeira. Podemos considerar que é uma identidade *residual/idealizada* (COSGROVE, 1998). Também a identidade da mariscagem restringe-se aos marisqueiros do bairro e dos arredores de Plataforma, aos pescadores e aos moradores que moram na beira-mar. É uma identidade *residual* (COSGROVE, 1998), mas não *idealizada* (COSGROVE, 1998), ela é vivida de acordo com a realidade, é uma necessidade, faz parte da realidade dos moradores.

As Regatas acontecem seis vezes por ano no bairro da Ribeira. Além disso, duas vezes ao dia alguns dos atletas dos quatro clubes fazem seu treino diário no mar e dentro dos próprios clubes. Hoje se pode dizer que o impacto causado pelas regatas é principalmente visual e que atinge apenas os moradores da Enseada dos Tainheiros (local onde acontecem os treinos e as competições). Sem dúvida, alguns poucos moradores de outros bairros estão incorporados a essa

manifestação, a saber: os atletas atuais, os ex-moradores, ex-atletas e poucos comerciantes, mas esse grupo é, hoje, muito pequeno e restrito.

Por parte do Governo, todas as iniciativas colocam em dúvida o interesse em revitalizar as regatas na Ribeira. Uma delas é a construção da Via Náutica na Enseada dos Tainheiros. Com a implantação desse projeto, o espaço para as competições se tornará ainda menor talvez inviabilizando definitivamente as competições com o espaço físico ainda mais reduzido. A Mariscagem existe há décadas no bairro de Plataforma, mas atualmente sofre com problemas devidos à poluição e ao esgotamento dos recursos naturais, fato que parece não ser do conhecimento dos marisqueiros (ou a necessidade de mariscar os fazem subestimar os riscos). Os poucos marisqueiros que demonstraram saber algo sobre a contaminação das águas da Baía por metais pesados dizem preferir morrer mais tarde por esse problema a passar fome agora.

Nas *redes locais*, as articulações para a organização das Regatas são feitas pelos clubes e a Federação: Organizam-se os campeonatos, discutem-se e estabelecem-se as regras, efetiva-se a contratação de atletas. Nas *redes globais*, a Federação Baiana é um “nó” que está em contato com as federações dos outros estados, para a organização dos campeonatos em nível nacional, interligando as redes locais e globais. Nas *redes submersas*, estão os comerciantes e o público: Ambos não participam direta e ativamente da produção dos campeonatos. Na mariscagem parece existir apenas as *redes submersas* (VILASSANTE, 1996), constituídas pelos próprios marisqueiros em seu cotidiano na “maré”. É uma manifestação que parece estar com os dias contados, pela provável extinção futura dos mariscos no local. Indiretamente, as redes globais estão presentes através das fábricas responsáveis pela poluição da Baía de Todos os Santos com metais pesados.

## REFERÊNCIAS

- ALBERGARIA, R. Festas populares baianas: pós-modernização ou retraditionalização? **Jornal A Tarde**, Salvador, dezembro de 2003.
- CORDEIRO, M. F. **Manifestações Artísticas e Culturais em dois bairros da periferia de Salvador**. 2001. Relatório de Pesquisa (Geografia) - Departamento de Geografia da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.
- COSGROVE, D. A Geografia está em toda parte: Cultura e Simbolismo nas paisagens Humanas. In: Côrrea, R. L. & Rosendahl, Z. (orgs.) **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.
- HAESBAERT, R. **Des-territorialização e identidade**. Niterói: EDUFF, 1997.
- HAESBAERT, R. Território, Poesia e Identidade. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n.3, p.8-19, 1996.
- MAR está poluído por metais pesados. **Jornal A Tarde**, 9 de abril de 2000, p. 15.
- MULTIDÃO espera baixar maré para ter alimento. **Jornal A Tarde**, 25 de maio de 1997, p. 3.
- SEABRA, O. C. L. Urbanização e fragmentação: apontamentos para o estudo do bairro e da memória urbana. In: Spósito, M. E. B. (org.) **Urbanização e Cidades: Perspectivas Geográficas**, p. 75-95. Presidente Prudente: UNESP/GASPERR, 2001.

SERPA, A. (org.). **Fala Periferia! Uma reflexão sobre a produção do espaço periférico metropolitano**. Série UFBA em Campo – Estudos. Salvador: PROEX/EDUFBA, 2001.

SERPA, A. **Urbana Baianidade, Baiana Urbanidade**. Salvador: EDUFBA, 1998.

SOUZA, M. J. L. O bairro contemporâneo: ensaio de abordagem política. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 51, n. 2, p. 140-172, 1989.

VILASSANTE, T. Metodologia dos conjuntos de ação. In: VI Colóquio sobre Poder Local, 6., 1996, Salvador-BA. **Anais...** Salvador: Núcleo de Pós-Graduação em Administração, 1996, p. 129-142.

TUAN, Y.F. **Espaço e Lugar**. São Paulo: DIFEL, 1983.